

#OCUPAES: MUDIATIVISMO E A PRODUÇÃO DE TERRITÓRIOS INFORMACIONAIS INDEPENDENTES

Ana Paula Miranda Costa Bergami
Mestra em Comunicação e Territorialidades
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Doutoranda em Estudos Linguísticos
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
E-mail: anapaulamirandacosta@hotmail.com

Orientador: prof. Dr. Fábio Luiz Malini de Lima
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
E-mail: fabiomalini@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho analisa a produção de narrativas biopolíticas do coletivo Ninja ES durante os dias de ocupação escolares no Espírito Santo em 2016, evento que ficou conhecido como #OcupaES. A análise engloba 941 postagens realizadas na página do coletivo Ninja ES no Facebook, em outubro, novembro e dezembro de 2016. A partir da sistematização e da modelagem dos dados obtidos, conseguimos identificar as principais características enunciativas e categorias temáticas das publicações do Ninja ES. Também investigamos as características da atividade midiativista no Espírito Santo, compreendendo sua dinâmica própria, que vai além do antagonismo com a imprensa local. Entendemos que o Ninja ES se consolidou como uma verdadeira agência de notícias durante o período de ocupação das escolas públicas do Espírito Santo, convertendo-se em um hub midiático de conteúdo alternativo, construído a partir de narrativas independentes elaboradas pelos midiativistas. A partir da análise de conteúdo do material coletado na página do Ninja ES no Facebook, defendemos que o coletivo de mídia livre estabelece atividades sociais que criam pertencimento nas redes sociais digitais — no caso narrativas jornalísticas elaboradas por comunicadores autônomos —, configurando um território informacional independente.

Palavras-chave: Ativismo digital. Resistência. Midiativismo. Ocupações. Facebook.

INTRODUÇÃO

As plataformas de redes sociais representam atualmente um significativo território de trocas informacionais e interações conversacionais, determinando novas sociabilidades contemporâneas nas quais os indivíduos realizam processos de participação e discussão sobre temas relacionados às suas vivências individuais e coletivas, ao mesmo tempo que estão circunscritos a uma regulação algorítmica de suas próprias vidas. Usado amplamente pelos brasileiros, o Facebook é destaque entre os demais sites de redes sociais, por permitir que os usuários compartilhem conteúdos com textos e imagens em tempo real, ou até mesmo realizem

transmissões para suas audiências. É popular no País e em todo o mundo, com mais de 2,07 bilhões de usuários ativos¹, que acessam a rede pelo menos uma vez por mês.

Neste ambiente em que muitos sujeitos podem se comunicar com outros indivíduos, os internautas têm se destacado pela capacidade de mobilização, de unir grupos em torno de um mesmo objetivo e de colaborar com postagens sobre temas variados. Dentro da plataforma, muitos atores estão estabelecendo associações, com laços mais fortes ou fracos, sendo que muitos estão construindo reputação e capital social a partir de suas enunciações. Neste espaço, observamos que novos sujeitos comunicantes aproveitam a oportunidade para estabelecer um canal direto com suas audiências.

Novos movimentos sociais estão aproveitando as funcionalidades dos dispositivos para incrementar suas atividades, migrando das ruas para o ciberespaço, ao mesmo tempo em que estabelecem novas dinâmicas e rotinas produtivas de conteúdo. Heterogêneos e em oposição a alguma ordem dominante, os movimentos sociais contemporâneos “adquiriram aceleração e amplitude graças às tecnologias computacionais interativas, especialmente as nômades, que se desvencilharam dos limites impostos pelos fios” (SANTAELLA, 2016, p. 63).

É justamente na brecha entre uma gestão da atenção dos algorítmicos de Mark Zuckerberg e uma viralidade acelerada e multitudinária de *posts* de páginas insurgentes que narrativas de coletivos independentes de mídia livre despontam como um sopro de uma liberdade, resistindo aos pactos de poderes locais, dando voz a novos atores sociopolíticos, muitas vezes excluídos das esferas tradicionais de discussão. Esses indivíduos se apoderam dos dispositivos digitais para conquistar autonomia comunicacional, ocupando os meios, gerando um curto-circuito nos tradicionais dispositivos informacionais e estabelecendo um fluxo próprio de narrativas. Consideramos que, além de significar um importante espaço contemporâneo de interações, as plataformas constituem um fundamental instrumento de mobilização social, de luta por autonomia e de conflito com as estruturas do poder constituído.

TERRIÓRIO, ESPAÇO E TERRITORIALIDADE INFORMACIONAL

Entendemos que a comunicação não está vinculada a um determinismo tecnológico, mas a um relacionamento entre os envolvidos, sobretudo àqueles que usam os meios digitais como fonte de sua experiência social. Ocupando um espaço fundamental na vida dos

¹ Cf. <http://link.estadao.com.br/noticias/empresas.facebook-alcanca-2-07-bilhoes-de-usuarios-nomundo,70002069551>. Acesso em 30 jun.2019.

indivíduos, a comunicação está cada vez mais atrelada aos mecanismos de poder, sobretudo no cenário contemporâneo midiaticizado. Para Castells (2015, p. 80), “as relações de poder estão incrustadas na construção do espaço e do tempo, e são condicionadas pelas formações temporais e espaciais que caracterizam a sociedade”. Castells (2015, p. 82) aponta que “o espaço e o tempo são redefinidos tanto pela emergência de uma nova estrutura social quanto pelas lutas de poder sobre a forma e os programas dessa estrutura social”. O espaço e o tempo são noções que representam e expressam as relações de poder da sociedade em rede.

O espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana. Entendemos que é a partir das práticas e processos materiais, necessários para a reprodução da vida social, que as concepções de tempo e de espaço são criadas, quando “cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço” (HARVEY, 2014, p. 189). Dentro de nossa pesquisa, consideramos de suma importância trabalhar essas noções, para entendermos como as práticas de grupos midiaticistas, no caso em questão do coletivo Ninja ES, podem rearticular os vínculos territoriais no cotidiano midiaticizado.

O espaço, em vez de perder importância, ganha novas significações na contemporaneidade. E um de seus desdobramentos é o território (RAFFESTIN, 1993), que “é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático em qualquer nível” (RAFFESTIN, 1993, p. 143). Esse ator territorializa o espaço. Adotamos a concepção de Raffestin (1993, p. 144), que estabelece que o território “é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder”. Sack (2013) afirma que, de fato, os territórios são resultados de estratégias eficazes de afetar, influenciar e controlar pessoas, fenômenos e relações.

O território é construído de forma coletiva e multidimensional, com múltiplas territorialidades. “Território significa articulações sociais, conflitos, cooperações, concorrências e coesões” (SAQUET, 2015, p. 84). A noção de território surge de uma perspectiva relacional, com uma construção pelos próprios indivíduos, com base em suas vivências: “A apropriação e o uso de um espaço por parte dos atores promovem processos de territorialização” (REIS E ZANETTI, 2017, p. 10). A relação entre o tempo e o território está se desdobrando em novas territorialidades. Para Saquet (2015, p. 78), “vivemos diferentes temporalidades e territorialidades, em processo constante de desterritorialização e reterritorialização que gera sempre novas territorialidades e novos territórios”. Nessa

perspectiva, “os territórios e as territorialidades humanas são múltiplos, históricos e relacionais” (SAQUET, 2015, p. 83).

Novas territorialidades vão sendo criadas pelos indivíduos, por meio dos usos e apropriações do espaço. Uma das novas modalidades, que é fundamental para nosso estudo, é a territorialidade informacional. Lemos (2007, p. 14) trabalha o conceito de territórios informacionais, que são “áreas de controle do fluxo informacional digital em uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano. O acesso e o controle informacional realizam-se a partir de dispositivos móveis e redes sem fio”. Esse território informacional não é propriamente o ciberespaço, “mas o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico” (LEMOS, 2007, p. 14).

Dependente dos espaços físico e eletrônico aos quais se relaciona, o território informacional cria um lugar, que “se configura por atividades sociais que criam pertencimentos (simbólico, econômico, afetivo, informacional)” (LEMOS, 2007, p. 15). Esse novo lugar, dependente dos espaços eletrônico e físico, constitui uma verdadeira territorialidade, na qual os indivíduos e organizações mais poderosos controlam os fluxos informacionais, exercendo sua influência sobre os demais membros da sociedade. Entendemos que os internautas estabelecem um novo território por meio de seus usos do espaço. No caso deste estudo, tratamos da territorialidade informacional, que traz elementos das vivências presenciais e mediadas pelos dispositivos eletrônicos de vários indivíduos, constituindo um novo espaço para trocas simbólicas, além de compartilhamento, cooperação, construção de lutas, constituição de reputação e de afetos, dentro de uma dinâmica interacional com regras próprias, relações de poder e regimes de visibilidade acordados entre os participantes.

METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DE CONTEÚDO

Empreendemos uma análise das postagens do coletivo de mídia livre Ninja ES no Facebook, de outubro a dezembro de 2016, período em que ocorreram as ocupações estudantis em mais de 60 instituições de ensino municipais, estaduais e federais no Espírito Santo, além da sede da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (Sedu), evento da Primavera Estudantil que ficou conhecido como #OcupaES. Na ocasião, os alunos protestavam contra a proposta federal de reforma do ensino médio e contra a PEC 55, que previa um teto para gastos públicos durante 20 anos, entre outras pautas locais.

Enfocamos o conteúdo das publicações do Mídia Ninja ES que tratam sobre a Primavera Secundarista. Exploramos essas publicações para entender o que estava sendo dito,

até aprofundar nossa compreensão sobre a lógica enunciativa do coletivo. Partimos do pressuposto de que os midiativistas se apropriaram das ferramentas tecnológicas e estabeleceram um *hub* midiático, dirigindo uma agenda midiática, durante os dias da Primavera Secundarista no Espírito Santo, com base em material narrativo (imagens, textos) enviados por vários colaboradores anônimos, que compartilharam suas narrativas com o coletivo de mídia, criando uma agenda de luta comum do movimento estudantil capixaba.

O levantamento abrange o período de 17 de outubro a 5 de dezembro de 2016, quando foram gerados 941 *posts* veiculados pelo perfil do coletivo de mídia Ninja ES no Facebook. As postagens do Ninja ES receberam um total de 14.552 curtidas, 4.511 comentários e 2.382 usuários comentando, alguns comentaram apenas uma vez, outros comentaram mais de uma vez. Ao todo foram registrados 52.627 compartilhamentos, que resultaram em um total de interações com 120.355 *likes* (média de 134,47 por *post*) e 8.108 *comments* (9,06 por *post*). Estabelecemos uma categorização das postagens, a partir da análise do *dataset* que gerou um *corpus* com 701 postagens. O resultado da categorização pode ser conferido na tabela abaixo:

Tabela 1 – Principais categorias dos *posts* do Mídia Ninja ES

Categoria	Nº de posts	Percentual
Cobertura das ocupações escolares capixabas	484	69,04%
Cobertura de protestos sobre a PEC 55	115	16,40%
Viralização de temas nacionais	58	8,27%
Desdobramentos das ocupações	20	2,85%
Greve na Ufes	14	1,99%
Outros	10	1,42%
Total	701	100%

Fonte: Coleta realizada por meio do Ford/Labic

A cobertura do dia a dia das ocupações foi a categoria que se sobressaiu entre as demais (69,04%), portanto entendemos que mostrar o clima cotidiano das mais de 60 escolas ocupadas era uma preocupação do Mídia Ninja ES, para evidenciar para a audiência conectada que o espaço público estava realmente ocupado, que os estudantes não estava depredando o patrimônio, que atividades culturais e mutirões de limpeza e alimentação estavam acontecendo nas instituições de ensino e que havia apoio da comunidade estudantil, inclusive dos moradores dos bairros nos quais as escolas se localizam. O Ninja ES, portanto, era um *hub* que colaborava em dirigir uma narrativa do cuidado com o comum, revelando o estado afetivo de preservação da propriedade coletiva conduzida pelos estudantes ocupados.

Entendemos que o Mídia Ninja ES tinha uma preocupação em mostrar o que de fato estava acontecendo nos espaços públicos, criando uma narrativa autônoma em relação às informações veiculadas pela mídia capixaba, que muitas vezes criticou o movimento estudantil, ao mesmo tempo que não conseguia ter acesso a este. Ao cobrir o dia a dia das ocupações, criando conteúdo próprio ou republicando material enviado por estudantes colaboradores, o Mídia Ninja ES ajudou dar uma sobrevida maior à Primavera Estudantil. Isso porque, ao mostrar a ação dos alunos nos espaços ocupados, o coletivo ajudou a divulgar o movimento, a unir os estudantes de todo o Estado que estavam compartilhando a mesma luta pela educação, organizando as pautas sociais em um só espaço, que era o perfil do grupo.

Assim como alguns veículos informativos tradicionalmente fazem durante a cobertura de algum acontecimento noticioso, os midiativistas do Ninja ES estiveram presencialmente em alguns espaços que estavam sendo administrados pelos alunos, sobretudo na Grande Vitória, cobrindo as ações e fazendo registros como fotos, textos e vídeos. Eles acompanharam ações de entretenimento, oficinas culturais, aulas e debates com voluntários, assim como atos propriamente da organização do movimento, com mutirões para limpeza e alimentação.

Em algumas ocasiões, os midiativistas cobriram ações policiais nas escolas, inclusive quando religiosos fizeram uma vigília em frente da Escola Viva, de São Pedro, bairro da periferia de Vitória (ES), para apoiar a ação dos estudantes². Nesse sentido, a cobertura das ocupações foi um momento importante do trabalho dos midiativistas para mostrar o dia a dia de quem participou do movimento, as tentativas de negociação com as autoridades e a forma como os alunos envolveram a comunidade nas atividades. Em grande parte das ocupações, a vizinhança das escolas foi convidada a participar das ações estudantis, para reforçar, na visão dos estudantes, que a escola não é da administração pública, mas sim da comunidade. No lugar de uma cobertura do sentido da ocupação para as fontes (geralmente as autoridades) — o que tem demarcado o jornalismo local —, o Ninja ES se concentrou em produzir suas conarrativas seu principal valor ao visibilizar o movimento das ocupações.

Apesar do protagonismo das postagens a respeito da cobertura das ocupações escolares, houve espaço para outros conteúdos na enunciação do coletivo Mídia Ninja ES, como a cobertura dos protestos sobre a PEC 55 (ou PEC 241). Identificamos em nosso *corpus* 115 postagens que versavam sobre esse tema, representando 16,40% do total das publicações do Mídia Ninja ES consideradas em nossa categorização. Essa categoria temática traz,

² Cf. <http://g1.globo.com/espírito-santo/educacao/noticia/2016/11/padre-faz-vigilia-favor-de-estudantes-nasocupacoes-no-es.html>. Acesso em 24 jun.2019.

basicamente, conteúdos relativos aos dois grandes protestos realizados na época da Primavera Secundarista: a manifestação estudantil realizada no dia 24 de outubro de 2016, reunindo estudantes do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e alunos do ensino médio da rede estadual, e o ato unificado do dia 11 de novembro de 2016, com estudantes da rede estadual e federal lutando ao lado de trabalhadores, sindicatos e outras entidades ligadas a causas sociais.

Outra categoria de postagem identificada em nosso estudo foi a de viralização de temas nacionais. Identificamos em nosso *corpus* 58 posts sobre com essa temática, representando 8,27% do total das publicações consideradas em nossa análise. Nessa situação específica, os midiativistas compartilhavam notícias de portais jornalísticos e de outros coletivos de mídia independente sobre ocupações em outros locais do País, além de protestos em várias cidades contra a PEC 55.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a compreensão das formas de enunciação do coletivo Ninja ES, ao observar as categorias das postagens, entendemos que a territorialidade informacional se transformou em um espaço de construção de autonomia e de luta por emancipação política, com novos atores — neste caso específico, os estudantes — passando a estabelecer narrativas elaboradas dentro de uma prática colaborativa. Consideramos que formou-se uma rede estudantil na territorialidade informacional, de pessoas de uma mesma localidade, no caso o mesmo Estado, que estavam lutando pela mesma pauta educacional. Identificamos que o coletivo Ninja ES abastece sua página com conteúdo sobretudo com caráter político e social, produzido por seus integrantes ou enviado por seus colaboradores. Outra estratégia de sua guerrilha midiática é republicar notícias de outras fontes, com o objetivo de causar engajamento no ciberespaço.

Observamos que o Ninja ES publicou uma profusão de narrativas, na ocasião das ocupações escolares no Espírito Santo, muitas vezes não lineares e com várias temáticas postadas simultaneamente. No material coletado, havia publicações sobre as ocupações no Espírito Santo e em alguns locais do Brasil, atos em Brasília contra a PEC 55 (PEC 241). O midiativismo no Facebook, portanto, adota a estratégia de conarração.

Verificamos que o Ninja ES adota uma produção de conteúdo colaborativa, amparada na atuação de seus parceiros, que criam textos e imagens das lutas e das ruas, e encaminham para os “ninjas”, que recebem esse material e dão um tratamento para posterior postagem na *fanpage*. Consideramos que, dessa forma, os vários colaboradores ajudam a construir uma

narrativa autêntica, com forte caráter testemunhal, amparada em muitos relatos pessoais simples, e sem uma contraposição de temas, como acontece com o texto jornalístico.

Entendemos que o coletivo Ninja ES estabeleceu uma dinâmica própria de enunciação. O coletivo Ninja ES oferece uma relevante formação discursiva biopolítica, capaz de dar visibilidade àquilo que se oculta ou se criminaliza na imprensa. Além disso, consideramos que os “ninjas” modificaram estéticas, estruturas narrativas e a posição de sujeito (que se oculta) da deontologia jornalística, ao postar conteúdo em movimento, anônimo e com caráter colaborativo, por meio de ativistas que desconheciam um maior rigor formal das rotinas produtivas jornalísticas. As narrativas do coletivo constituem parte da agenda de temas que circulam e pautam a vida de uma grande quantidade de indivíduos, que têm no ambiente digital uma das dimensões de suas atividades cotidianas. Consideramos que o coletivo midiático, que tem na territorialidade informacional seu campo de operações e nas práticas jornalísticas sua estratégia de atuação, constrói um discurso de resistência enquanto fornece contrainformações. Sendo assim, podemos considerar que o coletivo de mídia livre Ninja ES estabelece atividades sociais que criam pertencimento nas redes sociais digitais, configurando um território informacional independente.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LEMONS, André. Mídia locativa e territórios informacionais. In: SANTAELLA, Lúcia; ARANTES, Priscila (orgs.). **Estéticas Tecnológicas**. São Paulo: EDUC, 2007.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela. Comunicação e territorialidades: em torno do poder e da cultura. In: REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela (orgs.). **Comunicação e territorialidades**. Vitória: Edufes, 2017.

SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila C. & FERRARI, Maristela (orgs.) **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Temas e dilemas do pós-digital**. São Paulo: Paulus, 2016.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M.A.; SPOSITO, Eliseu S. (orgs.). **Territórios e territorialidades**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.